



Historiografia e gênero biográfico na *Vita Caligulae* de Suetônio – primeiras reflexões

Danielle Lima
Graduação (Unicamp)
Orientador: Prof. Doutor Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp)

Resumo

Neste artigo pretendemos apresentar os resultados iniciais da pesquisa de Iniciação Científica acerca de Suetônio (69- 130? d.C) e sua relação com a historiografia romana. Em nosso estudo, partimos da biografia do imperador Calígula, a *De Vita Caligulae*, para analisar aspectos genéricos da biografia de modo a observar suas características e como esta se insere na tradição historiográfica romana, a saber, como um modo de se escrever história ou como um gênero à parte. Durante a pesquisa, além da tradução de parte da biografia, realizamos um breve estudo acerca da historiografia romana, bem como algumas considerações sobre aspectos textuais e estilísticos de Suetônio.

Palavras-chave: Suetônio; Historiografia; Biografia

Historiography and biography genre in the *Vita Caligulae* from Suetonius - some impressions

Abstract

This paper presents the reflections and the results of the Scientific Initiation Research about *Vita Caligulae* (Life of Caligula), from Suetonius (69/70 - 130? a.C.) and his relation to the roman historiography. In our study, we start from the biography of Caligula emperor, named *De Vita Caligulae*, to analyze those generic aspects of the biography in the way to notice its features and how this biography is inserted in the historiographical roman tradition, to be known, as a way to write history or as a different genre. During the research, besides the translation of the biography, we realized a brief study about the roman historiography, as well as some considerations about the textual and stylish aspects of Suetonius.

Keywords: Suetonius; Historiography; Biography

Introdução

Neste artigo pretendemos apresentar os resultados iniciais da pesquisa de Iniciação Científica¹ que estamos desenvolvendo acerca de Suetônio (69– 130? d.C) e sua relação com a historiografia romana. Em nosso estudo, partimos da biografia do imperador Calígula, a *De Vita Caligulae*, para analisar aspectos genéricos da biografia de modo a observar suas características e como esta se insere na tradição historiográfica romana, a saber, como um modo de se escrever história ou como um gênero à parte. No presente estágio da pesquisa, além da tradução de parte da biografia, realizamos um breve estudo acerca da historiografia romana, bem como algumas considerações sobre aspectos textuais e estilísticos de Suetônio.

Iniciaremos a exposição de nossos resultados a partir das observações de dados lingüísticos presentes nesta biografia e sobre as primeiras impressões quanto ao estilo suetoniano que tivemos neste contato inicial com o texto latino. Em seguida, procuraremos expor breves apontamentos a respeito de nosso estudo introdutório sobre historiografia e biografia.

Característica notável do texto de Suetônio é riqueza de ablativos absolutos e de participios. Conforme alguns autores apontam², a presença destas construções confere ao autor um estilo conciso e direto. Hurley, por exemplo, aponta que

Muito mais do que qualquer outro autor latino, Suetônio emprega participios para transmitir sua mensagem. Eles frequentemente seguem um verbo principal acrescentando informações importantes, quase como um acréscimo posterior. Ablativos absolutos são abundantes. Ambas as estruturas permitem grande quantidade [de informação] dentro de um pequeno espaço, uma intenção que parece direcionada pela rubrica [*species*] enquanto as frases avançam rapidamente para ilustrar o tópico apresentado ou para alcançar a conclusão final de maneira rápida

¹ Pesquisa desenvolvida sob auxílio FAPESP, processo nº2008/57404-8.

² Veja também CIZEK, 1977, p. 23-4 e os autores por ele citados.

ágil. Elas [as frases] são condensadas, concisas ou (menos positivamente) sobrecarregadas³. (HURLEY, 2008, p. 19-20)

No trecho que se segue, é possível observar o uso de ablativo absoluto, bem como uma série de participios, no presente e no passado, estes que são frequentemente empregados sem o verbo *sum*:

*¹Germanicus, C. Caesaris pater, Drusi et minoris Antoniae filius, a Tiberio patruo **adoptatus**, quaesturam quinquennio ante quam per leges liceret et post eam consulatum statim gessit **missusque** ad exercitum in Germaniam, excessu Augusti **nuntiato**, legiones uniuersas imperatorem Tiberium pertinacissime **recusantis** et sibi summam rei p. **deferentis** incertum pietate an constantia maiore compescuit atque hoste mox **deuicto** triumphauit.* (Suet., Cal., I, 1) [Grifo nosso]

Germânico, pai de Gaio César, filho de Druso e Antônia, a mais nova, adotado pelo tio paterno Tibério, exerceu a questura cinco anos antes que a lei permitisse e imediatamente depois, o consulado. Enviado para o exército na Germânia, dada a notícia da morte de Augusto, conteve, não se sabe se com maior coragem ou devoção à pátria, todas as legiões que recusavam muito obstinadamente ter Tibério como imperador e que lhe confiavam o mais alto poder da República, e tendo logo vencido o inimigo, triunfou.

Outro aspecto do estilo suetoniano é a presença de trechos, de certo modo, periódicos, entendendo-se aqui o termo com um sentido mais técnico de arrançamento dos membros das frases de maneira a se criar uma arquitetura

³ “More than any other Latin author, Suetonius uses participles to convey his message. They often trail behind the main verb, adding important information almost as an afterthought. Ablative absolutes are abundant. Both structures put a great deal into a small space, a goal that seems driven by the rubrics as sentences hurry forward to illustrate the topic that has been set, to reach the punch line expeditiously. They are condensed, concise or (less positively) crowded.” As traduções, salvo indicação, são de nossa autoria.

complexa cuja “resolução” só se dá na pausa que corresponderia ao ponto final⁴:

¹Incendebat et ipse studia hominum omni genere popularitatis. Tiberio cum plurimis lacrimis pro contione laudato funeratoque amplissime, confestim Pandateriam et Pontias ad transferendos matris fratrisque cineres festinauit, tempestate turbida, quo magis pietas emineret, adiitque uenerabundus ac per semet in urnas condidit, (Suet., Cal., XV, 1-2)

Ele próprio provocava simpatia nas pessoas com todo tipo de atos populares. Depois de ter louvado Tibério diante da assembleia popular e o velado honrosamente da maneira mais magnífica sem demora Gaio apressou-se para que as cinzas da mãe e do irmão fossem levadas para Pôncia e Pandatária e, sob uma turbulenta tempestade, a fim de que sua piedade se sobressaísse mais, aproximou-se respeitosamente e por si mesmo as encerrou nas urnas.

Parece-nos haver aqui uma “periodicidade” na medida em que Suetônio apenas desenvolve a idéia que apresenta depois de narrar uma série de atos de Calígula, mantendo em suspenso a ação final até o fechamento da sentença que exemplificará a rubrica “ele próprio provocava simpatia nas pessoas com todo tipo de ato popular”. É somente depois de conhecermos outros eventos que Suetônio chegará ao fato de que Calígula haveria encerrado, pessoalmente, as cinzas do irmão e da mãe em urnas (“*adiitque uenerabundus ac per semet in urnas condidit*”), revelando assim um exemplo de um ato de *pietas* de grande apelo popular.

Com efeito, é interessante o fato de que no texto há um contraste entre passagens como a que expusemos, com um período longo, e orações mais curtas. Na seqüência do capítulo demonstrado anteriormente temos uma amostra desta ocorrência:

⁴ Esclarecemos, no entanto, que não se pretende defender na obra suetoniana um período como aquele que se encontra em Cícero, que, como se sabe, muitas vezes é marcado por uma exposição e desencadeamento de idéias que só se resolve ao final e em que se apresenta peculiar simetria entre as orações. Considerações sobre o ritmo na estruturação dos períodos também não será objeto desta pesquisa.

³*At in memoriam patris Septembrem mensem Germanicum appellauit.* ⁴*Post haec Antoniae auiae, quidquid umquam Liuia Augusta honorum cepisset, uno senatus consulto conguessit; patruum Claudium, equitem R. ad id tempus, collegam sibi in consulatu assumpsit; fratrem Tiberium die uirilis togae adoptauit appellauitque principem iuuentutis. (...)* (Suet., *Cal.*, XV, 3-6)

Em memória ao pai, ao mês de setembro chamou Germânico. Depois, através de uma única decisão do senado, acumulou para sua avó Antônia todas as honrarias que um dia Lívia Augusta adquirira. Ao tio paterno Cláudio, até aquela época cavaleiro romano, associou como seu colega de cargo no consulado. Ao irmão Tibério, no dia da toga viril, adotou e o chamou de príncipe da juventude.

Essa variação parece ter um efeito textual, na medida em que, pelo que se observou até agora, parece estar ligada ao desenvolvimento tópico – considerando aqueles que tratam de mais de um assunto. Após o período que inicia o desdobramento da passagem, observa-se a ocorrência de várias orações curtas. Considerando a afirmação de Hurley (1993:19-20), parece possível aventar a hipótese de que nesse capítulo as orações menores parecem comentar rapidamente a rubrica em questão para que, enfim, se possa avançar à outra rubrica.

Uma marca estilística, não encontrada até agora em nenhum estudo, que pudemos notar e que nos parece algo característico de Suetônio, foi a presença de pares sinonímicos de adjetivos e substantivos⁵, tais como:

*Obiit autem, ut opino fuit, fraude Tiberi, **ministerio et opera** CN. Pisonis (...).* (Suet., *Cal.*, II)

⁵ Essa ocorrência também pôde ser verificada no texto de autoria suetoniana *De Vita Horatii*, parte da obra *De Viris Illustribus*, para o qual o orientador deste trabalho chamou-me a atenção. Desse modo, tem-se mais um indício de que se trata de uma característica do estilo de Suetônio.

*tunc demum ad paenitentiam uersi **repre**nso ac **re**tento uehiculo (...).*
(*idem*, IX, 3)

*palam adempto equo quibus aut **pro**bri aliquid aut **igno**miniae inesset (...)*
(*idem*, XVI, 5)

Acreditamos, por ora, que esse uso em coordenação de adjetivos e substantivos praticamente sinônimos tem um efeito de ênfase no tipo de informação assim duplicado, todavia, atentaremos para os efeitos e intenções dessa construção suetoniana no decorrer de nossa pesquisa.

Observamos ainda no texto a incidência verbos no subjuntivo, sobretudo no imperfeito, em contextos não só de subordinação, como é característico de certo tipo de subordinada na língua latina, mas também em ocasiões em que se trata de uma oração com discurso reportado, presente muitas vezes no texto como uma *oratio obliqua*, ou então marcada por formas tais como “*dicunt*” (dizem), “*ferunt*” (contam), comumente empregadas em narrativa histórica. Notam-se também fortemente na prosa de Suetônio orações infinitivas, que diversas vezes se apresentam dependentes das formas impessoais acima.

Procedendo à segunda parte de nosso estudo, passaremos agora à nossa reflexão acerca da historiografia e biografia romana. Interessamo-nos por esse tema devido à variedade de apreciações que encontramos em relação à obra suetoniana, bem como seu lugar como escritor. Frequentemente, observa-se um certo demérito da obra suetoniana em relação a outras obras historiográficas, principalmente no que diz respeito ao relato de anedotas, o gosto por detalhes aparentemente sem importância, a variedade de fontes citadas e a carência de contexto histórico nas biografias. Tais alegações se dão muitas vezes levando-se em conta como parâmetro

historiadores consagrados como Tácito⁶, que nos parece apresentar um trabalho com perfil distinto do da obra de Suetônio. Cizék, por exemplo, reconhece que “os gêneros abordados por eles eram muito diferentes e suas estruturas literárias igualmente.”⁷ (1977, p. 29). Além disso, percebe-se que não há um consenso a respeito do lugar de Suetônio na historiografia ou na biografia, ou seja, ora o encontramos nomeado como historiador, ora como biógrafo⁸, designação tal que condicionará, por vezes, a importância de sua obra. Acreditamos que tal oscilação relaciona-se com o fato de que história e biografia são abordadas de diversas maneiras na bibliografia moderna. Nesse sentido, procuramos na primeira fase de nossa pesquisa levantar as características, principalmente, da tradição historiográfica romana por entendermos que dela poderiam surgir outros gêneros ou subgêneros, como a biografia (caso esta assim se configure) a fim de que pudéssemos, primeiro, compreender as diferenças e semelhanças entre um e outro modo de escrita, e enfim observar melhor a obra suetoniana em termos genéricos.

Geralmente envolvida pelo tópico da historiografia, pudemos encontrar a biografia tratada como um *subgênero* da história romana, conforme a considera Kraus (2006, p. 252); contudo, não fica claro se tal termo é empregado com um sentido que compreende a biografia como um gênero decorrente da historiografia, ou como uma forma de “historiografia menor”, conforme Conte (1994)⁹. Em

⁶ Acreditamos que algumas críticas seriam impróprias quando realizadas por comparação entre Tácito e Suetônio, já que poderíamos pressupor que as características de uma obra biográfica e de uma historiográfica sejam diferentes. Assim, não faria sentido julgar as qualidades da obra suetoniana em relação à obra de Tácito. Note-se que não se compara a obra de Suetônio à obra de Tácito que lhe seria mais aparentada, o *Agricola*, mas a sua obra historiográfica geral. Para autores que fazem este cotejo, vide, por exemplo: CONTE, 1994, p. 549.

⁷ “(...) les genres abordés par eux étaient très différents et leurs structures littéraires également.”

⁸ Suetônio é denominado no estudo de Cizék (1977:38) como biógrafo e na obra de Bassols como historiador (e às vezes como biógrafo) (1991, p. XXI, XXXIII). Gaillard e Martin, por exemplo, chegam a afirmar que “De fato, Suetônio não poderia ser considerado um historiador.” (“De fait, Suétone ne saurait être considéré comme un historien”) (p. 137), mesmo encontrando-se no capítulo sobre historiografia.

⁹ Conte ressalta que a biografia (suetoniana, no caso) seria uma espécie de “historiografia” menor comparada à historiografia de Tácito (55 d.C – 117).

Gaillard e Martin (1981), observa-se que a biografia é entendida como uma forma de se escrever história, e não propriamente um subgênero ou gênero:

Se acreditamos que a evolução de um povo, das origens a seu estado atual, constitui uma unidade significante da história, escrevemos, como Tito-Lívio, *ab Vrbe condita*. Se consideramos que a unidade histórica é um ciclo de acontecimentos que possuem um começo e um fim e um significado em si próprio, escrevemos uma monografia – como Salústio tratando de uma conspiração ou de uma guerra. Se acreditamos que a unidade histórica reside na conformidade entre um período e um personagem, privilegiando a ação do personagem em relação ao panorama global dos acontecimentos, escreveremos uma biografia – que tomará sua significação histórica na medida em que o retrato de um homem e o retrato de um tempo se encontrarão paralelamente engajados nesta empresa – assim podemos julgar o *Agricola* de Tácito por oposição a outras biografias de menor densidade histórica, como as de Cornélio Népos.¹⁰ (GAILLARD; MARTIN, 1981, p. 110-11)

Os autores notam ainda que estas formas de se escrever história poderiam se combinar, ou seja, poderia haver, por exemplo, um matiz biográfico em partes da composição de uma monografia histórica¹¹. Pode-se citar como exemplo, nesse

¹⁰ “Si l'on estime que le devenir d'un peuple, de ses origines à son état actuel, constitue l'unité signifiante de l'histoire, on écrit, comme Tite-Live, *ab Vrbe condita*. Si l'on estime que l'unité historique est un cycle d'événements possédant un commencement et une fin, et possédant à lui seul une signification, on écrit une monographie – ainsi Salluste, traitant d'une conjuration ou d'une guerre. Si l'on estime que l'unité historique réside dans l'accord d'une période et d'une personne, en privilégiant l'action de la personne par rapport au période global des événements, on écrira une biographie – qui prendra sa signification historique dans la mesure où le portrait d'un homme et le portrait d'un temps se trouveront pareillement engagés dans l'entreprise – ainsi peut-on juger l'*Agricola* de Tacite, par opposition à d'autres biographies de moindre densité historique, telles celles de Cornélius Népos.”

¹¹ Cf.: GAILLARD; MARTIN, 1981, p. 111.

sentido, o retrato de Catilina em Salústio, que faz uma pequena biografia da personagem na obra *De Coniuratione Catilinae*, V. Ainda que tais modos de escritas pudessem estar intrincados em uma mesma obra, conforme Momigliano (1974, p. 06), haveria uma diferença entre uma narrativa sobre *historía* e *bíos*, de modo que, na Grécia, a biografia teria se estabelecido como um gênero à parte. O que se nota é que, em Roma, a biografia poderia estar intimamente ligada à história¹², sendo talvez o mesmo gênero apenas com modos de exposição diferentes.

Com o intuito de buscar elementos que nos pudessem auxiliar na caracterização de um e outro modo de se fazer historiografia, procuramos verificar os preceitos da historiografia. Para tanto, baseamo-nos, principalmente, em Cícero (106-46 a.C.), que, embora não tenha sido um historiador, foi um autor que estabeleceu, de certo modo, a preceptística do gênero historiográfico romano¹³. A historiografia em Roma inicia-se com a tradição dos *Annales Maximi*, conforme Cícero observa:

Pois a história não era nada a não ser a composição de anais; para isso e para conservar a memória do que é público, desde o início da civilização romana até a época do pontífice máximo Públio Múcio; o pontífice máximo confiava às letras todas as realizações de cada ano, que ele relatava numa tábua branca, disposta na frente de sua casa para que o povo pudesse tomar conhecimento. Estes, ainda hoje, são chamados “Anais Máximos”. Muitos seguiram esse mesmo modo de escrever, os quais, sem elaboração alguma, apenas nos deixaram registros dos tempos, homens, lugares e acontecimentos.(Cíc. *De Orat.*, II, XII, 52).

¹² É importante notar que a história na Antigüidade não era concebida enquanto disciplina como a conhecemos hoje, mas um gênero literário, por assim dizer; desse modo poderia, de fato, não haver distinção entre história e biografia tal qual reconhecemos hoje.

¹³ Costuma-se atribuir a Cícero as primeiras reflexões sobre o gênero historiográfico romano. Vide GAILLARD; MARTIN, 1981, p. 114.

É dessa prática que outros autores como Fábio Pictor, Cíncio Alimento (séc. III a.C) e Catão (234 – 149 a.C) darão início à historiografia romana analítica, cuja temática se concentrou “em feitos coletivos, tanto políticos quanto militares, de grandes indivíduos romanos que trabalharam juntos (...) para o bem da *res publica*” (KRAUS, 2006, p. 240)¹⁴. A questão das *res* foi o primeiro dado que consideramos uma característica da história romana e, em Cícero, também encontramos como objeto da história romana as *res gestae*. O próprio orador refere-se ao tema em sua carta a Luceio, por exemplo: (...) *ut cuperem quam celerrime res nostras monumentis commendari tuis*¹⁵ (*Ep. Ad Luceium*, V, 12, 1. Grifo nosso). Ademais, historiadores reconhecidos manifestam um enfoque semelhante em seus prefácios, como Salústio na obra *Conspiração de Catilina: statui res gestas populi Romani carptim, ut quaeque memoria digna uidebantur, perscribere*¹⁶ (*De coniuratione Catilinae*, IV, 2. Ênfase adicionada).

Tendo estabelecido o objeto da história, as *res gestae* de um povo, comentaremos o modo como a história deveria ser escrita segundo a concepção ciceroniana. Woodman (1988) analisa os ideais de Cícero para a historiografia romana, especialmente a noção de *historia ornata*, ou seja, de uma história elaborada¹⁷, construindo a reflexão do orador quanto ao modo como a história deveria ser escrita. Comentando brevemente alguns aspectos, um dos principais problemas da historiografia romana para Cícero seria a falta de *ornatio* nas obras de história, mais especificamente os Anais. Para Cícero, mais importante que o núcleo,

¹⁴ “(..) concentrated on the collective deeds, both political and military, of great Roman individuals who worked together (...) for the good of the *res publica*”.

¹⁵ “(...) desejei que, o mais rapidamente possível, nossos feitos fossem confiados a teus escritos.”

¹⁶ “Decidi escrever separadamente os feitos do povo romano, na medida em que cada um parecia digno de lembrança.”

¹⁷ Vide também GAILLARD; MARTIN, 1981, p. 114-5.

ou assunto, da história é sua elaboração, o modo como o historiador irá construir seu relato histórico (WOODMAN, 1988, p. 77).

Na obra *De Oratore* Cícero expõe os fundamentos da escrita da história, que podem ser divididos em *fundamenta* e *exaedificatio*, respectivamente, fundações e “superestrutura”, sendo esta última composta por *res* e *uerba*, conceitos retóricos que podemos encontrar também em Quintiliano: “Todo discurso consiste de conteúdo (*rebus*) e estilo (*uerbis*)” (WOODMAN, 1988, p. 83). O conteúdo, como o autor observa, deve conter ordem cronológica (*ordinem temporum*) e uma descrição das regiões (*regionum descriptionem*), o que, diferentemente do que se costuma pensar, não são características próprias da historiografia proposta por Cícero, mas uma transposição de artifícios empregados em uma parte do discurso retórico, a *narratio*. Woodman defende que Cícero, através das palavras de Antônio, “(...) está oferecendo um conselho do modelo retórico, no sentido de que o historiador, como o orador forense, não deveria inverter a ordem natural dos acontecimentos e deveria avivar seu discurso com digressões topográficas.”¹⁸ (1988, p. 85)

Além destes dois recursos que aparecem na construção da *narratio* retórica, outros aparecem no *De Oratore* como características da historiografia, por exemplo, a construção baseada em intenções, eventos e conseqüências, bem como “a maneira como as coisas foram feitas ou ditas; as razões das coisas, se elas resultam de atos dos deuses, de qualidades próprias de uma pessoa ou de emoções temporárias, como ímpeto; e a vida e o caráter do personagem”, características tais que também se encontram em outras obras de Cícero sobre a oratória, como na *De Partitione Oratoria* (WOODMAN, 1988, p.85). Outro conceito retórico também aplicado à noção de historiografia por Cícero é a *inuentio*, ligada ao desenvolvimento do conteúdo. A *inuentio* é, grosso modo, o meio pelo qual o orador torna seu discurso

¹⁸ “(...) he is offering standard rhetorical advice to the effect that historian, like the forensic orator, should not invert the natural order of events and should enliven his work with topographical digressions.”

e o caso a que se refere convincentes: *Inuentio est excogitata rerum uerarum aut ueri similitum quae causam probabilem reddant* (Cícero, *De inuentione* I, 9). Deste modo, é conveniente na construção da historiografia o relato de um acontecimento verdadeiro – o fundamento –, no entanto, seu desenvolvimento, na visão ciceroniana, não será em termos de veracidade ou não, mas de modo que a descrição dos fatos, os acontecimentos sejam elaborados e convincentes, ou seja, o historiador deve se basear em um fato real, usando da *inuentio* para construir a *exaedificatio* acerca deste fato, objeto de seu relato (WOODMAN, 1988, p. 91).

Vale salientar que a historiografia, vista por um prisma ciceroniano, tem uma natureza notadamente retórica, e corresponde a um ideal próprio. No entanto, consideramos interessante observar a construção da “Vida de Calígula” segundo tais características atribuídas à história, de modo a verificar como Suetônio elabora sua narrativa. O primeiro ponto a se considerar é a distinção do objeto tratado por Suetônio: não são *res gestae* de um povo; no máximo, de um indivíduo em particular. Quanto à *exornatio*, ou seja, à “superestrutura” dessa biografia, podemos perceber que não se segue nem o preceito da *ordo temporum*, nem o da *regionum descriptio*; decerto Suetônio não segue uma ordem cronológica¹⁹ devido ao estilo da biografia que escreve, mas ao analisarmos a passagem que trata do triunfo de Germânico (*Cal.*, I, 1), veremos que não há uma descrição detalhada, como o local da batalha, momento do dia ou sobre a luta, conforme exemplo de *exornatio* que Woodman sugere (1988, p. 89). Assim, poderíamos crer que a narrativa suetoniana seria, com efeito, um tipo de história inferior ou carente de informações.

Entretanto, chama-nos ainda a atenção a questão do objeto da história, que não nos parece ser o mesmo da narrativa suetoniana. Considerando isso, talvez seja coerente que o modo de exposição seja diferente daquele da história.

¹⁹ Suetônio expõe os fatos *per species*, ou seja, por tópicos ou temas acerca da vida do imperador. Contudo, não se pode deixar de notar que há uma organização temporal interna a cada um dos tópicos. Veja-se CIZÉK, 1977, p. 53.

Encontra-se em Cornélio Nepos, que escreveu obra homônima a uma outra de Suetônio, a *De Viris Illustribus*, uma distinção de objeto que poderia caracterizar uma primeira diferença entre história e biografia. Na biografia do general Pelópidas, o autor hesita sobre a maneira como irá desenvolver sua narrativa:

Pelopidas Thebanus, magis historicis quam uulgo notus. Cuius de uirtutibus dubito quem ad modum exponam, quod uereor, si res explicare incipiam, ne non uitam eius enarrare, sed historiam uidear scribere. (Corn. Nep., *De Viris Ill.*, XVI, 1) Grifo nosso.

Pelópidas de Tebas, mais conhecido pelos historiadores que pelo povo, sobre cujas virtudes hesito a respeito do modo como irei expor. Pois receio, se eu começar por explicar os fatos, não narrar a vida dele, mas que pareça que eu escreva história.

Percebe-se que Nepos está a questionar a maneira como deve escrever, demonstrando consciência de que ao narrar o assunto de uma forma ou de outra, poderá escrever história, ou biografia. Nota-se neste trecho o emprego das palavras *res* e *uitam*, que parecem evidenciar que a história, tal como vimos, se presta a narrar as *res*, enquanto que a biografia, as *uitae*. Contudo, parece que a questão pode ser mais complexa; assim, parece-nos interessante destacar que na carta a Luceio, Cícero emprega, como vimos, o termo *res*, que ao longo desse estudo inicial entendemos como relativo a realizações ou feitos e como o que constituiria o objeto da história; todavia merece atenção o modo como aborda tais *res* na correspondência. Nota-se que o orador preza pela recordação de realizações que não

são do povo romano, mas especialmente suas, chegando, assim, inclusive a defender que:

(...) *si uno in argumento unaque in persona mens tua tota uersabitur, cerno iam animo quanto omnia uberiora atque ornamentiora futura sint.* (Cíc., *ad Fam.*, V, 12, 2.)

se voltares toda a tua mente para um único assunto e para uma única pessoa, já vejo de antemão o quanto todos os fatos serão mais copiosamente desenvolvidos e também mais elaborados.

Ainda que Cícero use *res nostras*²⁰ no início da carta, referindo-se talvez aos feitos do povo do qual faz parte ou das pessoas que junto com ele participaram do episódio da conspiração²¹, mais à frente verificamos que, ainda que de modo sutil, sugere que Luceio escreva sobre suas realizações individuais, focando-se em uma única pessoa. Tendo isso em vista, seria possível questionarmos o fato de que, embora Cícero proponha que Luceio escreva sobre ele próprio, não se trataria, enfim, de uma biografia de Cícero. Mas o que não a caracterizaria como tal? Acreditamos, *a priori*, que não seria uma biografia, justamente por apresentar-se o tema das *res*, das realizações, e não uma narrativa sobre a vida de Cícero, ou seja, sobre sua *bíos* ou *uítá*, termos que vemos contrapostos à história em Nepos. Contudo, para que nos seja permitido realizar tal constatação, uma pesquisa mais atenta se fará necessária.

²⁰ Saliente-se que o pronome plural pode também estar relacionado à modéstia do locutor ou revelar certa imparcialidade ou distância do texto. No entanto, consideramos a possibilidade de que *nostras* estivesse ligado ao fato de que a historiografia romana, à época de Cícero, ainda dedicava-se à narrativa de feitos coletivos do povo romano. Seria talvez algo indecoroso da parte do orador empregar explicitamente *res meas*.

²¹ Cícero refere-se em sua carta à conspiração de Catilina.

Acreditamos que as conclusões parciais a que chegamos indicam que há uma distinção, para os antigos, entre duas formas de narrativas que parecem se diferenciar pelo seu objeto. No entanto, observar os limites entre história e biografia, bem como compreender se cada uma seria um gênero distinto ou não, é algo que demanda uma observação mais aprofundada de bibliografia, sobretudo de autores antigos que tratem sobre o tema em seus prefácios, por exemplo, ou obras, como o faz Cícero. Assim, pretendemos investigar ainda um pouco mais sobre essas relações entre história e biografia até o fim de nossa pesquisa, de modo que possamos entendê-las com mais clareza e, então, observar com mais cuidado a obra suetoniana.

Bibliografia

- CICERO. (2006). *On invention*. With an English translation by H. M. Hubbel. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.
- CICÉRON. (1927) *De L'orateur*. Livre Deuxième. Texte établi et traduit par Edmons Courbard. Paris: Les Belles Lettres.
- CIZEK, E. (1977). *Structures et Idéologie dans "Les Vies des Douze Césars", de Suétone*. Paris: Belles Lettres.
- CONTE, G. B. (1994). *Literature latine: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. London: J. Hopkins U. P.
- GAILLARD, J.; MARTIN, R. (1981). "L'historiographie". In: *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Scodel.
- GENTILI, B.; CERRI, G. (1988). *History and biography in ancient thought*. Amsterdam: J.C. Gueben.
- GENTILI, B (1992). *Storia della letteratura latina*. 2ª ed. Roma: Laterza & Figli.
- GOODYEAR, F. R. (1982). "Suetonius". In: KENNEY, E. J., CLAUSEN, W. V.. *The Cambridge History Of Classical Literature*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge U.P., p. 165-168

- _____.(1993). *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*. Atlanta: Scholars Press.
- HORSFALL, N. *Varro e Cornelius Nepos*. In: Kenney, E. J. *The Cambridge History of Classical Literature*. Vol. II, Part. 2, *The Late Republic*.
- NEPOS, C. (1970). *Ouvres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Belles Lettres.
- SUÉTONE (1932). *Vies de douze césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Belles Lettres.
- _____. (1931). *Les douze césars*. Texte traduit et annoté par Maurice Rat. Paris: Garnier.
- SUETÔNIO. (1937). *A vida dos doze césares*. Tradução de Sady Garibaldi. Rio de Janeiro: Atena.
- _____. (1979). *Os doze césares*. Traduzido por J. G. Simões. Lisboa: Presença.
- SUETÓNIO.(1990). *Vida de los doce cesares*. Tradução, revisão e notas: Mariano Bassols de Climent. Madrid: Alma Mater, v.1 e 2.
- SUETONIUS. (1913). With An English Translation by J.C. Rolfe. Massachusetts: Cambridge; London: Harvard University.
- WILKES, J.(1971/2). Julio-Claudian Historians. In: *The Classical World*, v. 65, n. 6, p. 177-203.
- WOODMAN, A.J. (1988). “Theory: Cicero”. In: *Rhetoric in classical historiography*. Oregon: Aeropagítica Press.



Recebido em Fevereiro de 2010
Aprovado em Abril de 2010